

**Comunicação apresentada no Encontro Nacional de Professores de
Educação Visual e Tecnológica (APEVT)
Aveiro
7 de janeiro 2012**

Ana Luísa Pinto do Souto e Melo

anamelos@esev.ipv.pt

Licenciada em Ensino do 2º Ciclo do Ensino Básico, na variante de Educação Visual e Tecnológica

Mestre em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores

Doutoranda em Educação

Docente na Área Científica de Educação Visual na Escola Superior de Educação de Viseu

**Da proposta base de revisão curricular: pela importância da
disciplina de Educação Visual e Tecnológica**

Bom dia a todos os presentes.

Antes de mais, gostaria de agradecer à APEVT pelo convite endereçado à Escola Superior de Educação de Viseu para estarmos neste Encontro.

Enquanto instituição de ensino superior com uma já longa tradição na formação de professores de Educação Visual e Tecnológica (EVT), a Escola Superior de Educação de Viseu aceitou participar neste encontro em nome dos seus ex-alunos, nos quais eu me incluo, e em nome dos que neste momento frequentam o curso de Mestrado em Ensino da Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico.

Perante a notícia do afastamento da disciplina de EVT do currículo nacional do ensino básico, esses alunos assistem ao desmoronamento das suas expectativas e à impossibilidade da recompensa do esforço, sacrifícios pessoais, profissionais, financeiros e do sonho ou desejo de virem a ser professores de EVT. Além disso, tememos que esta proposta, a ser implementada, coloque em risco o posto de trabalho de muitos professores que nos últimos anos estiveram colocados a lecionar a disciplina referida.

A nossa resposta ao apelo manifestado neste Encontro é imediata por acreditarmos que a formação de professores de EVT, que proporcionámos no passado e que ainda hoje facultamos nesta instituição, se desenvolve em torno de saberes integrados numa vertente atualizada do conhecimento e do ensino, fundamentados cientificamente, e é proveniente das mais atuais correntes pedagógico-didáticas.

Julgamos ser importante continuar a dar resposta às necessidades prementes do ensino, nomeadamente no que se refere à formação de professores nesta área, ou em áreas adjacentes, já que ao longo dos tempos o ensino tem acolhido, e ainda acolhe, pessoas das mais diversas áreas de formação. Para essas pessoas, a formação no âmbito educacional geral e no âmbito específico artístico mostra-se de cabal importância para que possam exercer uma prática docente de qualidade.

Também entendemos que estes cursos constituem uma mais-valia absoluta na melhoria da prática profissional daqueles professores que estão na carreira e que desejam atualizar os seus conhecimentos, através de uma formação contínua que dê resposta às necessidades concretas impostas pela mudança dos tempos e pela natural e legítima evolução da educação.

A nossa presença neste encontro também se justifica em nome das gerações vindouras que irão frequentar o Ensino Básico, pois a elas cabe o futuro do nosso país, a elas cabe prosseguir/dar continuidade ao que foi conquistado e construído pelos seus antepassados. Com as reformas anunciadas, estes alunos serão, sem dúvida, os mais prejudicados, sobretudo por não lhes ser dada a oportunidade de construírem o seu futuro com conhecimentos integrados numa vertente tão abrangente e completa como a que oferece a disciplina de EVT, tornando-se este facto uma perda somente reparável para a formação integral dos mesmos se, o facto das duas componentes da disciplina (EV e ET) a funcionar de forma autónoma, como disciplinas independentes, não implicar a redução da carga horária como parece estar previsto.

A disciplina de EVT pretende proporcionar a todos os cidadãos uma formação artística e técnica. Ao situar-se na interseção destes dois campos da atividade humana, favorece o desenvolvimento da sensibilidade, do

pensamento crítico e criativo, da exploração integrada de novos valores humanos, constituindo-se como uma disciplina fundamental para a formação do indivíduo como ser total e a todos os níveis, circunscrevendo-se, desta forma, nos princípios reguladores da “Educação pela Arte”, impulsionada por Herbert Read (1982). O fim último deste movimento não será tanto o ensino das artes ou a formação de artistas, mas a formação integral do indivíduo, independentemente da área de formação que frequenta. Como referiu Alberto Sousa (2003), este movimento assegura as bases metodológicas de ensino e aprendizagem «mais eficazes para se conseguir realizar uma educação integral [do sujeito] a todos os níveis: afectivo, cognitivo, social» (p.30).

Na sua génese, a disciplina de EVT, assumiu uma preocupação constante de unidade e articulação entre as várias componentes disciplinares, no sentido de convergirem para a formação pessoal as vertentes individual e coletiva, para a aquisição de saberes/capacidades fundamentais e para o exercício de uma cidadania crítica, interveniente e verdadeiramente responsável.

Por conseguinte, a disciplina de EVT apresenta pressupostos formativos claramente adequados às necessidades atuais de educação: seguindo um critério pela via construtivista do conhecimento, através da metodologia de resolução de problemas, promove a realização de atividades centradas no contexto vivencial do aluno e nos seus interesses, perspetivando-se a sua importância na «diversidade das experiências dos alunos e a integração das aprendizagens na vida vivida por eles» (Ministério da Educação, 1991, p.10). Faz-se a apologia do desenvolvimento de capacidades de resolução de problemas, mas no âmbito das necessidades e expectativas reais trazidas pelos alunos, pelo que a sua resolução possibilita uma maior motivação e uma aprendizagem verdadeiramente significativa.

Na realidade, e segundo o Programa de Ensino da disciplina de EVT (Ministério da Educação, 1991), as atividades devem ser desenvolvidas com os alunos mediante o desenvolvimento de Unidades de Trabalho. Ora, estas não são mais do que projetos que, ao invés de se concentrarem na lecionação de conteúdos desintegrados sem qualquer ideia de conjunto, centram-se «em experiências vividas pelos alunos [...] e em situações reais cuja vivência

deverá proporcionar, de forma integrada, a aquisição dos conteúdos de aprendizagem e a construção das atitudes e valores que se pretende promover» (Silva, San Payo & Gomes, 1992, p.69).

Todo o tipo de aprendizagem que pretenda escapar à reprodução única do conhecimento transmitido por outrem e a uma atitude passiva do aluno perante o alcance dos saberes enforma-se na pedagogia do projeto, já que esta possibilita uma visão integradora e aproximada da ação real e, por isso, mais motivadora para o aluno. Para além da aprendizagem pelo projeto, a disciplina de EVT desenvolve-se mediante uma amálgama de teorias como a aprendizagem por descoberta, a aprendizagem colaborativa/cooperativa, a aprendizagem experiencial e a aprendizagem humanista, por isso tão enriquecedora para os alunos que a aprendem e para os professores que a ensinam.

Com o contributo da disciplina de EVT, o conhecimento absoluto e desintegrado cede lugar a um conhecimento atento às necessidades de uma sociedade marcada por uma transformação constante. Abre-se, pois, o caminho para o saber prático do saber que, desta forma, vai ao encontro dos novos objetivos educacionais: o apelo ao desenvolvimento do pensamento reflexivo e crítico e à aquisição de capacidades como saber raciocinar, saber formular juízos e/ou saber criticar, a novas formas de pensar e de atuar autonomamente em contextos diversos, tendo subjacentes conceitos e princípios éticos de cidadania (Garrison & Archer, 2000).

Podemos inferir que as referidas metas de aprendizagem gerais circulem em torno da crença de que quanto maior for o grau de identificação e de envolvimento ativo do aluno no processo da sua própria aprendizagem, maiores serão as probabilidades de o aluno alcançar o sucesso. A aposta recairá numa formação global que promova os vários tipos de saber, com uma forte incidência no saber-ser, já que se acredita que este impulsionará os outros (o saber e o saber-fazer). Ora, essa resposta é dada pela Educação Artística, no geral, e pela EVT, em particular.

A apologia atual no âmbito pedagógico-didático centra-se no aprender e não no ensinar, no aluno e não no professor. Valoriza-se a formação de produtores e construtores do seu próprio conhecimento, de cidadãos

intervenientes e críticos. Neste sentido, refutamos a ideia de voltar a educação a um qualquer tipo de ensino tradicional, como parece constar na atual proposta de revisão curricular. O apelo à memorização faz-nos retroceder várias décadas no ensino, quando está comprovado cientificamente que os saberes memorizados e não compreendidos se esquecem rapidamente e não tomam qualquer significado na formação do ser. Aliás, segundo Bloom (1956), a memorização situa-se no nível mais baixo do conhecimento, referindo-se precisamente ao tipo de conhecimento que é assimilado de forma passiva e irrefletida, por isso, pouco duradouro.

O trabalho pedagógico junto dos alunos deve ser realizado procurando «ensiná-los a pensar, mais do que somente memorizar; ensiná-los a questionar o mundo, mais do que aceitá-lo passivo; ensiná-los a criticar a Ciência, mais do que recebê-la pronta!» (Ronca & Terzi, 1995, p.51) e é também sob essa perspectiva que deve ser colocada a EVT.

A ideia de categorizar as disciplinas pelo grau de importância que estas possam ter na vida dos seus alunos é, no mínimo, inapropriada. A denominação utilizada para a justificação da sobrevalorização de umas disciplinas relativamente a outras, referenciando-as de “disciplinas fundamentais”, “estruturantes”, “centrais” ou “essenciais”, mostra-se a nosso ver desajustada e infundamentada a nível pedagógico e científico. Todos os conhecimentos, em todas as áreas, num ensino que se pretende global e transdisciplinar, contribuem para uma formação integrada e consentânea do indivíduo na sociedade. Este paradoxo classificativo disciplinar desvaloriza manifestamente o valor intrínseco da educação artística relativamente aos ditos “saberes sábios”.

Aproveitamos ainda esta comunicação para refletir sobre o fim anunciado, no passado dia doze de dezembro, às competências e ao “ressuscitar” dos objetivos. Em primeiro lugar, na nossa opinião, esta decisão foi tomada extemporaneamente, ou seja, sensivelmente a meio do ano letivo quando estão planificações elaboradas, atividades decididas, enfim todo um conjunto de trabalho que circundou o documento que desde 2001 esteve em vigor. Em segundo lugar, esta decisão cria um fosso ainda maior entre o ensino

regular e o ensino superior, visto que no âmbito do Processo de Bolonha as competências constituem o mote central da formação superior atual.

Esta decisão tem implicações diretas no âmbito da lecionação da EVT e de outras áreas artísticas, já que em disciplinas de cariz eminentemente prático, como é o caso, não nos parece que faça sentido voltarmos aos objetivos. Repare-se que a competência não descarta o valor do saber, mas acrescenta a este saber estático uma dinâmica que capacita o aluno para mobilizar adequadamente diferentes saberes prévios, selecionando-os, integrando-os e ajustando-os a determinada atividade. Ou seja, a competência implica o domínio do saber conteudinal como pré-requisito fundamental, mas com a mais-valia de o contextualizar adequadamente a situações práticas.

Além disso, o termo *objetivo* refere-se ao tipo de conhecimento que o aluno deve alcançar, pressupondo um certo estaticismo conceptual relativamente ao conhecimento no âmbito teórico; por seu lado, a competência, pressupõe uma transposição do conhecimento alcançado para a prática de ação, evidenciando um certo dinamismo performativo.

Perante o que acabámos de expor, percebe-se que o conhecimento científico só é válido no atual sistema de ensino se integrado num contexto dinâmico de ação. Também por esta razão, defendemos a importância da manutenção da disciplina de EVT no currículo do Ensino Básico.

No entanto, a proposta curricular que agora se discute prevê a redução das horas letivas da Educação Artística e Tecnológica, e a extinção da disciplina de EVT. Além disso, enuncia a bifurcação desta disciplina em Educação Visual e em Educação Tecnológica, tendo esta última ainda de ceder horas para uma área transdisciplinar como as Tecnologias de Informação e Comunicação (Decreto-Lei nº6/2001). A nossa experiência diz-nos que quarenta e cinco minutos semanais é manifestamente insuficiente para desenvolver um trabalho consentâneo numa disciplina que é eminentemente prática. A única saída possível será transformar a Educação Tecnológica numa disciplina teórica, aspeto que colide com as suas Finalidades formativas.

A concretizar-se esta divisão surge a seguinte questão: quem as irá lecionar? Na nossa opinião a resposta a essa questão é clara. Os professores

de EVT são os que estarão melhor preparados para assegurar a lecionação dessas duas disciplinas.

Concretizando, a Escola Superior de Educação de Viseu, aqui representada pela área científica de Educação Visual, pertencente ao Departamento de Comunicação e Arte, manifesta neste Encontro a sua posição de desagrado perante a proposta base da reforma curricular, apelando a novas considerações sobre as medidas anunciadas e evocando a um diálogo construtivo entre o Ministério e representantes dos professores verdadeiramente conhecedores das dificuldades reais que poderá trazer a sua implementação.

Muito obrigada pela vossa atenção.

Referências Bibliográficas

Bloom, B. (1956). *Taxonomy of Educational Objectives, Handbook 1 : Cognitive Domain*. New York : Mckay.

Garrison, D. R., & Archer, W. (2000). *A transactional perspective on teaching and learning: A framework for adult and higher education*. Oxford: Pergamon.

Ministério da Educação (1991a). *Programa de Educação Visual e Tecnológica. Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem. Ensino Básico, 2º Ciclo, vol. I*. Lisboa, Ministério da Educação: Autor.

Read, H. (1982). *A Educação pela Arte*. Lisboa: Edições 70. (Trabalho original em inglês publicado em 1942.).

Ronca, P. A. C., & Terzi, C. A. (1995). *A aula operatória e a construção do conhecimento*. S. Paulo: Editora do Instituto Esplan.

Silva, A., San Payo, I., & Gomes, C. (1992). *Áreas Visuais e Tecnológicas. Manual para professores do 2º e 3º Ciclos*. Lisboa: Texto Editora.

Sousa, A. B. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação. Bases psicopedagógicas, vol. 1*. Lisboa: Instituto Piaget.

